

Relações literárias México-Brasil: notas de trabalho

Erivelto da Rocha Carvalho

Doutor em Literatura Espanhola e Hispano-Americana pela Universidade de Salamanca, atua como professor adjunto da área de Literatura Espanhola e Hispano-Americana do Departamento de Teoria Literária e Literaturas da Universidade de Brasília.

<https://orcid.org/0000-0001-6119-8979>

Recebido em: 14/06/2019

Aceito para publicação em: 25/08/2019

Resumo

Propõe-se no artigo uma reflexão sobre as relações entre as Literaturas brasileiras e mexicanas contemporâneas a partir das noções fundamentais de “recepção” e “intertextualidade”, destacando-se determinados aspectos dessas relações: a recepção mútua através das traduções; intercâmbios culturais entre os “sistemas literários” mexicano e brasileiro, configurando uma espécie de “sistema intermediário”; poéticas literárias próximas ou comuns. Finalmente, e a partir das reflexões presentes nestas notas de trabalho, apresenta-se uma breve e primeira seleção de obras que ilustram a discussão realizada.

Palavras-chave: Recepção; Intertextualidade; Sistema Literário; México; Brasil.

Abstract

The article proposes a reflection on the relations between contemporary Brazilian and Mexican Literatures from the fundamental notions of "reception" and "intertextuality", emphasizing certain aspects of these relations: the mutual reception through the translations; cultural exchanges between the Mexican and Brazilian "literary systems", forming a kind of "intermediate system"; literary poetics near or common. Finally, and from the reflections present in these notes, we present a brief and first selection of works that illustrate the discussion.

Key-words: Reception; Intertextuality; Literary system; Mexico; Brazil

1. *Um problema de posição: como situar-se diante da confluência de dois sistemas literários.* Pesquisar as relações literárias entre México e Brasil supõe, desde o princípio, enfrentar um problema inicial de enfoque. A muito grosso modo, a crítica corrente e petrificada ou o comparatismo já consagrado nos estudos literários privilegia comumente a definição de um *corpus* fechado, de um recorte cronológico fixo e pré-determinado e de uma aproximação que parta de um conceito teórico reduzível a duas ou três citações tranquilizadoras. Dada a própria natureza do objeto de estudo em questão, o caminho que se pretende tomar aqui é algo distinto: parte-se de uma noção ampla de “sistema” (que será alinhavada mais adiante), compreendida desde a perspectiva da mútua recepção e das relações intertextuais que se estabelecem a partir desta¹. Como nem tudo pode ser abarcado, o produto aqui almejado trata-se de uma primeira seleção de textos contemporâneos (segunda metade do século XX e século XXI) sobre os quais se entende que é premente lançar certo olhar, ainda que distanciado, tendo como objetivo perceber melhor as transformações do espaço literário latino-americano após o advento das Vanguardas históricas. Novas concepções da tradição literária moderna, novas perspectivas críticas e estéticas e as ingentes transformações dos contextos sociais e políticos dos dois países que destacamos aqui, valem para destacar a ideia de **relação**, ou **qualidade** na forma de entendimento do fenômeno literário que é comum aos textos que iremos elencar ao longo deste artigo e ao final dele. Não se pretende aqui, como faria a crítica neopositivista, enumerar um sem número de autores e obras que fariam parte de uma história específica da literatura latino-americana. Ao contrário, o que interessa aqui não é a seleção em si, mas os motivos que a animam.

Para deixar mais clara esta perspectiva, pode-se evocar inicialmente ao seminário de Ricardo Piglia (2016), *Las tres vanguardias*, em que o escritor e acadêmico argentino expõe o problema de perceber o deslocamento dos problemas literários levantados pelas Vanguardas históricas em poéticas surgidas a partir de um gênero massivo como o romance, num contexto histórico posterior distinto (representado por Piglia pelas obras de Saer, Puig e Walsh). Em boa medida, o entendimento do espaço literário latino-americano que surge da seleção de textos que serão abordados neste ensaio leva também em consideração esta perspectiva: não tanto no sentido de retomar a discussão sobre as poéticas vanguardistas ou pós-vanguardistas, mas no de sublinhar a necessidade de

1 No estágio atual dos estudos literários, não é absurdo dizer que as noções de “recepção” e “intertextualidade”, tomadas como referências teóricas fundamentais deste trabalho, já tenham sido pelo menos parcialmente incorporadas até mesmo pelo senso comum. Apesar disso, fica aqui (para o leitor desavisado ou o especialista ultrarrigoroso) uma nota sobre o que se entende ao mencionar essas duas categorias. A “recepção” é tomada aqui tal como teorizado nas teses sobre a história da literatura de Hans Robert Jauss (1978, p.43) como processo que se articula desde o “horizonte de expectativa” que conforma o fenômeno literário em sua dimensão duplamente sincrônica e diacrônica. Quanto à “intertextualidade”, entende-se a mesma como ‘relação de copresença entre dois ou mais textos’ tal como preconizado por Genette (1982, p.10).

revisão constante do problema da tradição e da **posição** como eixo central das disputas literárias (estéticas e ideológicas) e dos laços de proximidade e conexões que vão se estabelecendo simultaneamente a estas. Além disso, a ideia de uma série de **posições** num espaço literário maior (o latino-americano) representa também a possibilidade de pensar que, na confluência entre esses dois sistemas (nas suas chegadas e saídas, para usar uma imagem lingual), existe um tipo também de **qualidade** ou **relação** que está sendo constantemente negociada.

2. Para uma cartografia das relações literárias México–Brasil: do polisistema de Even-Zohar a uma geografia incalculada: Apesar de já existir uma pequena e parcial fortuna crítica dedicada às relações literárias entre México e Brasil, não há nessa bibliografia a preocupação em como pensar o modelo de organização dos sistemas literários brasileiro e mexicano que, como já foi dito anteriormente, aborda-se no presente trabalho desde as noções-chave de recepção e intertextualidade. Em um capítulo dedicado a sua teoria dos polisistemas de cultura, capítulo que leva justo o título de *O sistema literário*, Even-Zohar (2017, pp. 29–48) apresenta um marco teórico geral para pensar a noção de “sistema literário”². No capítulo mencionado, se adota um esquema explicativo que ilustra as instâncias envolvidas neste modelo teórico, e que parte dos pressupostos lingüísticos de Jakobson. Segue abaixo o esquema básico, com aqueles elementos que compõe, segundo o autor, o sistema literário. Cito em espanhol:

INSTITUCION [contexto]
 REPERTORIO [código]
 PRODUCTOR [emisor]----- [receptor] CONSUMIDOR
 ("escritor")("lector")
 MERCADO [contacto/canal]
 PRODUCTO [mensaje]

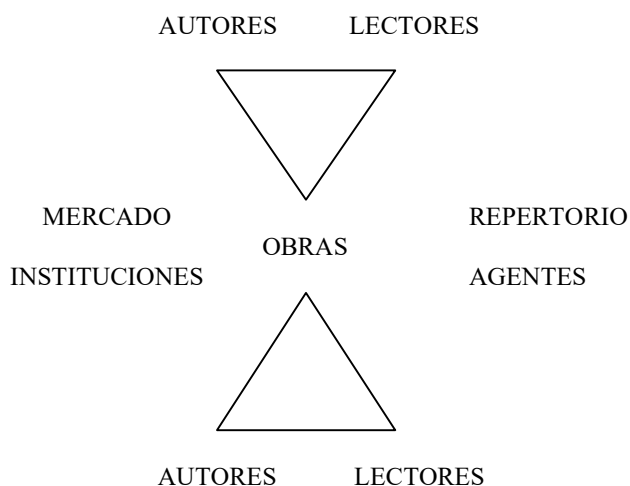
(EVEN-ZOHAR, 2017, p.33).

Entre colchetes, estão os termos usados pelo linguista russo na sua teoria do enunciado lingüístico. Ao lado, está a adaptação por Even-Zohar destes termos para o universo literário tal e como ele se apresenta no mundo contemporâneo. Para os

² É preciso dizer que este conceito, também fundamental para o presente trabalho, tampouco é exatamente uma novidade no próprio âmbito da crítica latino-americana. A ideia de um sistema literário ou cultural é comum, desde distintas abordagens e perspectivas teóricas e disciplinares, a intérpretes já clássicos como Darcy Ribeiro, Antônio Cândido, Ángel Rama ou Antonio Cornejo Polar. A opção pela aproximação de Even-Zohar parece aqui necessária, exatamente porque se trata, num primeiro momento, de buscar uma conceitualização abstrata e funcional para, só depois, procurar uma perspectiva própria e dinâmica sobre o processo envolvendo duas literaturas ou dois sistemas literários em movimento, cada um deles tendo uma língua majoritariamente hegemônica e um mercado industrial do livro em ação plena. Em seguida se verá, de maneira ilustrativa, como se concebe essa relação num plano esquemático que busca compreender também os aspectos estéticos de dita relação.

propósitos deste artigo, o quadro é válido na medida em que apresenta um modelo geral funcional que pode, no entanto, ser contextualizado levando em conta o caso das relações entre as literaturas mexicanas e brasileiras contemporâneas. A partir dessa confluência, é necessário pensar numa espécie de “sistema intermediário”³ formado pela interação das instâncias descritas logo acima em um quadro em que duas literaturas nacionais estão em contato dinâmico.

Da confluência entre esses dois sistemas literários nacionais, que não podem ser tratados pragmaticamente como fatos isolados (tal como faria a crítica tradicional neopositivista em sua preocupação por um *corpus* fechado, recortes cronológicos pré-definidos e um aporte teórico estanque que deriva em tautologia), surgiria então um terceiro sistema ou um sistema híbrido ou de síntese, que pode ser ilustrado esquematicamente da seguinte maneira (também em espanhol):



MERCADO (editoriales; órganos de divulgación; periódicos; internet)
 REPERTORIOS (códigos y canon establecidos; contra-canon; relación centro-periferia)
 INSTITUCIONES (Embajadas; universidades; otras instituciones; premios)
 AGENTES (creadores; críticos; público; traductores)
 MICRO-SISTEMA (elementos anteriores en escala regional o local; colectivos; autores)

Fonte: Erivelto da R. Carvalho, 2019.

O esquema acima, ainda que com certo nível de abstração como qualquer esquema, não se limita a descrever as instâncias funcionais do “sistema literário”, mas também ilustra, com limitações próprias, a dinâmica das relações literárias entre sistemas literários

3 A ideia de um “sistema intermediário” surgiu a partir das conversas com o professor Dr. José Sánchez Carbó na Universidad Iberoamericana de Puebla. Este sistema aparece assim como uma espécie de “terceiro” sistema configurado a partir da inter-relação dos sistemas literários mexicano e brasileiro pensados isoladamente. Em certa medida, ele não deixa também, desde a perspectiva funcional de Even-Zohar, de ser um tipo de subsistema literário do sistema maior conformado desde a ideia de uma literatura mundial ou universal. No entanto, para nossos propósitos e limites, considera-se apenas este “sistema intermediário” como uma das muitas combinações ou emblema possível para a compreensão de uma literatura latino-americana cuja definição neste espaço restrito seria ociosa, além de infrutífera.

em confluência. Basicamente, se repetem com outra denominação as instâncias fundamentais do esquema de Even–Zohar, mas agregando alguns novos elementos e reposicionando outros, ademais de duplicar as pontas fundamentais (brasileira e mexicana) implicadas neste processo a partir das noções de autores (ou produtores) e leitores, que mais que esporadicamente se confundem. No centro desse esquema (ou dessa espécie de “sistema intermediário”), estão as obras, que criam e potencializam todo o processo de mediação existente e que inclui os diversos tipos de produtores e receptores literários. Como elemento novo, nessa proposta de compreensão do “sistema literário”, está a sugestão de que esse grande esquema seja replicado em outros níveis que são só aparentemente visíveis, e no qual se incluiria os microssistemas conformados pelas literaturas “marginais” ou “locais”, enfim, toda a produção literária que não se enquadra no conceito canônico de Literatura como “grande” literatura nacional ou da Literatura estritamente entendida como bela–arte. Trata–se, evidentemente, de um modelo geral com as limitações de qualquer modelo, mas que sugere uma maneira de tratar não só a partir da funcionalidade linguística, mas também desde a especificidade das relações literárias concretas duas tradições culturais ou duas literaturas nacionais em relação dinâmica (ou seria apenas uma, duplicada?).

3. Organizar o caos ou traduzir o intraduzível: primeiras pistas. Não é nova a percepção de que uma parte relevante da produção (e da recepção) literária no quadro da literatura contemporânea se dá num ambiente em que se multiplicam (ao mesmo tempo em muitas vezes se anulam) as abordagens teóricas e o entendimento crítico (e por que não dizer criativo, também) do fenômeno. Não é incomum qualquer análise da área partir justamente desta constatação da dificuldade de se traçar um panorama claro, especialmente se não se pretende perder a complexidade e a multiplicidade dos objetos em questão. Isso não poderia ser diferente para o caso das relações literárias Brasil–México.

Da mesma maneira não é surpreendente que pesquisas sobre as relações entre sistemas literários em contato enfatizem a importância da tradução. Seja como ferramenta de mediação entre dois universos culturais distintos (e alguns aspectos, semelhantes também) ou mesmo como metáfora do trabalho crítico/criativo. Por isso, entende–se aqui a tradução como veículo que estabelece uma via de mão dupla, mas que revela nesta dupla dimensão alguns aspectos daquela **relação** ou **qualidade** sobre as quais tem se insistido aqui.

O caminho para destacar alguns dos aspectos relevantes do processo mútuo de tradução entre México e Brasil passa por levantar alguns aspectos gerais desse processo, por um lado, e levantar ou destacar algumas dessas relações em concreto, por outro. Esta

última ação termina por chamar a atenção não só para a variedade de escolhas e iniciativas distintas que existem de lado a lado, mas também por frisar aquilo que nelas pode ser considerado um direcionamento próximo ou comum. A partir disso, torna-se plausível, entre outras coisas, a possibilidade de pensar como a tradução se oferece como meio capaz de fazer perceber os processos de mediação que se dão entre diversos projetos literários e sua recepção imediata, assim como torna-se possível também historiar, localizar e situar projetos que aparentemente estão perdidos na massa difusa das bibliografias compreendidas isoladamente ou de forma estritamente setorizada (cronologicamente, por país, por gênero ou por autores).

Um primeiro dado bruto e que dá constância da assimetria dessas relações quanto ao campo da tradução (uma constância distorcida, mas que pode servir como uma primeira referência genérica) pode ser consultado no *Index Translationum* da UNESCO, que registra um total de 73 traduções do português ao espanhol publicadas no México, para um total de 2787 traduções do espanhol ao português publicadas no Brasil. Ainda sem considerar o número de obras mexicanas traduzidas a diferença é gritante, apesar de ser apenas aparente. Indo ao catálogo de três das mais conhecidas universidades brasileiras e três mexicanas e buscando pelos termos *Literatura Brasileña* ou *Literatura Mexicana* na língua de chegada, o resultado não é muito diferente: os melhores resultados ultrapassam meia centena de obras traduzidas, sem chegar em nenhuma universidade a cem.

Esses são dados brutos mencionados sem a intenção de colocar as relações de tradução em qualquer perspectiva estatística ou de uma possível sociologia da tradução literária. No contato direto com diversas traduções acessadas é que se revela certa percepção a respeito das traduções entre México e Brasil⁴. Algumas delas podem ser resumidas assim: a) o mercado editorial brasileiro, apesar de se movimentar em grande medida através das traduções, situa a pouca literatura mexicana que traduz no rol geral de Literatura Latino–Americana, o que não deixa de ser uma forma de diluir o conhecimento que se tem sobre essa produção; b) as traduções mexicanas de literatura

4 Mesmo não tendo o mesmo volume de contato, pode-se aplicar no caso México–Brasil um esquema geral de fases que é o mesmo sugerido por Gustavo Sorá (2003) em sua obra sobre a mais fluida e constante relação Argentina–Brasil: num primeiro momento, o estabelecimento do que pode ser chamado aqui de “missões” diplomático–culturais com um certo sentido político de Vanguarda, com um nacionalismo que estende até os momentos contíguos à Segunda Guerra Mundial; a partir daí, um processo de profissionalização da tradução que também está acompanhada da modernização dos mercados editoriais emergentes; por fim, nos últimos lustros do século XX e século XXI, uma internacionalização crescente que interfere na maneira e na forma como se dão os fluxos de um diálogo já inaugurado. Por questões conjunturais e, obviamente, pelas diferenças de contexto, é claro que os fluxos de tradução entre México e Brasil são assimétricos, mas isso não impediu que se constituíssem iniciativas institucionais, como a Cátedra Guimarães Rosa da UNAM ou as traduções impulsionadas pelo programa de tradução da Fundação Biblioteca Nacional do Brasil, que possibilitou a publicação da antologia de poesia jovem de Luis Aguilar, por exemplo.

brasileira, em muitos casos, são realizadas sob um cuidado editorial e com maior presença de edições críticas que as suas congêneres da outra “ponta” do sistema; c) existem poucas, mas significativas iniciativas de algumas instituições e agentes literários que realizam a mediação entre os dois sistemas literários, criando aquilo que é chamado neste artigo de “sistema intermediário”.

Desde a perspectiva deste trabalho, as três observações acima são relevantes porque dão uma visão ampla de um panorama complexo, e atentam para a particular dinâmica que se estabelece a partir daí, ademais das diferenças internas no “sistema intermediário” em questão, assim como para algumas de suas semelhanças. Como parte do sistema mundial de produção, não é novidade que os próprios mercados literários latino-americanos estão atrelados a outros mercados mais pujantes, apesar de que esta relação de dependência não explica por completo os motivos das opções tradutórias nos seus diversos contextos. Colocando em paralelo as duas situações aqui destacadas, percebe-se no Brasil uma clara preponderância da publicação de obras mexicanas no eixo Rio–São Paulo, ainda que com alcance diferente (segundo sejam projetos publicados em grandes ou pequenas editoras, com propósito mais ou menos comercial). No México, também há a concentração da maioria das publicações nos grandes centros (sobretudo a Cidade do México e Monterrey), mas se diversificam os locais e o tipo de projeto editorial publicado nos diversos pontos da geografia mexicana.

Um esboço da pequena variedade dessas traduções pode ser espelhada no esquema abaixo, que destaca segundo o tamanho das letras e a posição aproximada dos nomes das cidades, os espaços tradutórios de literatura brasileira mais destacados no México, feitas a partir de diversas consultas a catálogos editoriais, catálogos eletrônicos de bibliotecas universitárias, bibliografia recolhida a partir de repertórios disponíveis e estudos conhecidos, etc. A imagem que sai dessas várias consultas leva a um esquema que assim se desenha:



Fonte: Erivelto da R. Carvalho, 2019.

Este esquema é ilustrativo e não conclusivo ou interpretativo, mas a partir dele é possível deduzir que se replica (como acontece também no Brasil) em boa medida, na translação da Literatura Brasileira traduzida no México, o *modus operandi* do sistema

literário mexicano aplicado a sua própria literatura nacional, o que pode colocar em questão a ideia formulada pelo próprio Even Zohar (1990) de que a tradução funciona de forma a renovar o cânone de um dado sistema literário. Pelo constatado em nossas pesquisas, nem sempre é assim que a dinâmica dos processos tradutórios funciona. No caso de México e Brasil, se reforçam os valores e o modo de organização dos sistemas particulares. Como hipótese explicativa para esta situação, poderia se aventar a própria condição periférica do subsistema em destaque, que não se renovaria com as traduções, e sim se reforçaria como tal.

Seja como for, o mais importante aqui é destacar algumas experiências em concreto que ajudam a observar a dinâmica das relações México–Brasil. Dinâmica que possui, obviamente, diversos níveis de interlocução e diversos momentos de estabelecimento de um discreto, porém frutífero diálogo. Dita interlocução se dá através de instituições, agentes e instâncias do sistema para chegar até o público leitor, que por sua vez pode atuar no “sistema intermediário” de diversas maneiras.

É preciso dizer que o processo de profissionalização e internacionalização progressiva ocorrido pelo menos desde meados do século XX se intensifica desde o final do século passado, e se multiplica com o crescimento dos mercados editoriais brasileiro e mexicano e também com a ampliação das relações neste sistema intermediário a partir da redefinição de um novo mundo configurado a partir das fronteiras móveis e dos limites em expansão dos meios digitais. Vamos assinalar somente algumas iniciativas que dão ideia da dinâmica existente desde a segunda metade do século XX, uma vez já começada a sistemática das relações literárias entre determinados círculos intelectuais de Vanguarda que cumpriram com o objetivo inicial de organizar as primeiras “missões” (diplomáticas e culturais) que se estendem até os dias atuais, de maneira distinta.

Não é preciso dizer que os nomes internacionalizados de ambas literaturas, alguns já bastante consagrados e outros massivos (Jorge Amado, Carlos Fuentes, Octávio Paz, Clarice Lispector, Paulo Coelho, Laura Esquivel) aparecem em traduções contínuas e/ou de larga escala que se repetem a partir da lógica da mundialização dos mercados latino-americanos, e neste sentido fazem parte do rol daquilo que é considerado, de maneira genérica, como literatura latino-americana. Outros nomes e traduções obedecem a uma lógica distinta de circulação e recepção que se organiza muitas vezes a partir de círculos mais restritos, mas que se destacam também no quadro geral. Não é incomum este segundo círculo contar com escritores–tradutores ou tradutores–escritores como prática comum, com publicações de vários tipos e segundo os gêneros mais ou menos massivos. É o caso, por exemplo, de autores–tradutores (ou leitores) como Eric Nepomuceno, Paula Abramo, Maria Alzira Lopes Brum, Cláudio Daniel, Rodolfo Mata, José Javier Villareal, Luis Aguilar, Juan Pablo Villalobos, entre outros.

Para além das traduções que revelam um interesse pontual a respeito de alguma obra, algumas delas chamam a atenção porque expõe um projeto mais amplo e ao mesmo tempo mais consolidado, com uma leitura atenta da obra do autor traduzido e não só de títulos específicos. No México, onde a literatura brasileira goza atualmente de um espaço particular dentro do que se convencionou chamar de Literatura Ibero–Americana, chama a atenção o fato do interesse contínuo e consolidado por autores como Rubem Fonseca (que é um caso especial com a biblioteca de autor que lhe organizou a editora Cal y Arena) ou por Lêdo Ivo (cuja obra poética desperta uma inaudita atividade editorial levada a cabo por Vaso Roto, editora que possui por sua vez uma “perna” no mercado editorial espanhol). A premiação de Fonseca na Feira do Libro de Guadalajara em 2003 marca um momento em que os dois sistemas tradutórios passam a outro nível de interlocução depois das primeiras “missões” culturais e do processo de profissionalização da tradução que se dá a meados do século XX. Não é casualidade que este reconhecimento de um autor que passa a ser mais do que um autor de culto no âmbito mexicano se dá quase que simultaneamente à retradução da obra de Juan Rulfo (2004) ao português no Brasil, num processo de interlocução que aponta para casos paradigmáticos no que diz respeito às *qualidades* e tipos de *relação*, como já repetido.

4. *Intercâmbios e diálogos culturais.* As relações que se estabelecem a partir das traduções são evidentes, ainda que, não poucas vezes, a relevância do trabalho tradutório seja colocada em segundo plano pelo mercado editorial. Esse trabalho semi–oculto de revelar um país a outro, e descobrir como os dois podem compor um espaço intelectual comum se confunde, às vezes, com os intercâmbios culturais e a rede de diálogos estabelecida pelas afinidades de projetos literários que nem sempre são manifestos (e que dão pouco lugar a manifestos, como no auge da literatura programática de Vanguarda).

De qualquer forma, traçado esse esboço de uma relação entre sistemas ou da configuração de um “sistema intermediário” formado a partir da dinâmica de duas literaturas nacionais que dialogam entre si, e no que pese às suas diversidades “internas”, vale a pena pensar nos diálogos culturais que se dão entre elas não tanto em termos da tradução de obras e títulos específicos, quanto desde a referência de algumas experiências de determinados agentes (alguns criadores e/ou tradutores) que atuam no campo literário a partir da vivência da “ponte” construída entre México–Brasil, e que não deixam de se constituir como bases concretas dessa “ponte” metafórica.

Os exemplos existentes neste sentido são poucos, mas, exatamente por isso, significativos. Para além dos marcos institucionais (Cátedras, como a Guimarães Rosa da UNAM, ou a Machado de Assis da Universidad del Claustro de Sor Juana, dedicados à literatura brasileira lida como parte dos chamados estudos latino–americanos; a bolsa para

tradução de literatura brasileira da Fundação BN do Ministério da Cultura brasileiro) ou do mercado como meios para o estabelecimento do diálogo cultural mencionado (entre as quais incluiria a edição e difusão de obras e autores em evidência no mercado internacional, que ocorrem em Feiras Literárias como as de Guadalajara ou Paraty, ou mesmo nas transnacionais como o caso de Frankfurt em 2013), estão iniciativas mais pontuais como as das coleções (as com autores brasileiros das editoras Cal y Arena ou Elephas no México ou a Coleção Outra Língua da Editora Rocco no Brasil), ou a singular experiência de tradução–edição simultânea realizada a partir do diálogo entre os poetas Paulo Ferraz e Luis Armenta pelos selos Mantis e Sebastião Grifo.

Essas diversas edições dão ideia de um diálogo constante e que não está perdido, atualizando em outra perspectiva diálogos como os dos criadores do primeiro nacionalismo modernista (Alfonso Reyes, Vasconcelos, Manuel Bandeira), e que passaram posteriormente por outros criadores (como o diálogo entre Haroldo de Campos e Octávio Paz, que marca uma inflexão no que diz respeito ao programa das Vanguardas históricas). Um estudo da natureza atual dessas relações não poderia deixar de ao menos assinalar, a virtualidade pragmática e a interatividade de novas parecerias que se dão tendo a influência do universo das mídias digitais como algo presente (seja como tema ou também a partir dos veículos das revistas, blogs, interações via Facebook ou outras mídias audiovisuais; essas interações destacam o caráter imediato e muitas vezes efêmero desse novo tipo de diálogo).

De qualquer maneira, é preciso aqui fazer um breve recorte para sublinhar algumas das poéticas literárias de autor, marcadas também por uma leitura particular desse espaço intermediário e híbrido composto por México–Brasil. Da série de obras, traduções e autores estudados, 4 em específico estão marcados pela experiência da vivência ou da presença do país vizinho em sua obra. Curiosamente, os quatro aqui selecionados são criadores–tradutores, mas cuja poética peculiar de seus escritos não é dependente, no sentido de uma hierarquia de trabalho, da sua atividade tradutória.

Tanto Eric Nepomuceno como Juan Pablo Villalobos, Paula Abramo e Maria Alzira Lopes Brum têm em alguns de seus textos a marca respectiva de Brasil ou México (e, de certa forma, dos dois países). Suas obras transitam por esse “sistema intermediário” assinalado antes e, mais que isso, e se dirigem a formulações estéticas próprias, propostas que ainda não foram devidamente estudadas naquilo que tem de singular e de confluentes.

Tradutor de alguns dos mais conhecidos autores do *boom* latino–americano, e de Juan Rulfo em sua última versão brasileira, Nepomuceno tem uma especial relação com o México, uma vez que por aí viveu durante algum tempo e inclusive tem um livro de contos que classificou em seu momento como seu livro “mexicano” (por ter sido, de fato, publicado na Cidade do México). Seu último livro traduzido no México aparece em 2018

pela editorial Almadía (que já publicou outros títulos do autor). *Lastres estaciones* (cito em o título em espanhol) traz um conhecido e já antologado conto de Nepomuceno, “La Suzanita”, que constrói nos dois idiomas uma intriga que poderia ter se passado em alguma cidade mexicana.

Paula Abramo foi a tradutora deste livro, tendo sido premiada em 2012 pela publicação do poema longo (ou de um conjunto de poemas, segundo se veja) intitulado *Fiat Lux*, que recolhe, em certa medida, uma experiência de filha de exilado político. Essa obra constitui-se possivelmente, segundo uma resenha de Paulo Moreira, como o melhor livro de poesia brasileira escrita no mencionado ano. É determinante, em sua obra, a relação com a história e a cultura brasileira, como se vê na referência na sua obra ao episódio da chamada Revoada dos Galinhas Verdes, de 1934, marco de uma reflexão em linguagem poética sobre a passagem do tempo que bem poderia ser útil aos dias que correm no país.

Outra experiência dessa dupla relação México–Brasil, mas agora em sentido invertido, é a de Maria Alzira Brum Lemos. Também tradutora de autores mexicanos como Valeria Luiselli e outros, a escrita de Brum Lemos se caracteriza por uma prosa híbrida que transita por distintos gêneros (ensaio, crônica, conto breve, crítica literária) com a mesma facilidade que toma o Brasil e o México como figuras de uma reflexão instigante a respeito do papel do escritor no sistema mundial de circulação literária. A diferença das perspectivas aparecidas entre as resenhas mexicana e brasileira a respeito de seu primeiro livro, *A ordem secreta dos ornitorrincos* (publicado no Brasil em 2008, e traduzido para o Peru e o México), dá constância da distinta expectativa das leituras sobre uma autora como Lopes Brum nos dois lados do sistema intermediário.

Por fim (e sempre pensando que o tratamento aqui é somente inicial), é preciso citar também a Juan Pablo Villalobos, autor que viveu no Brasil recentemente (tendo em comum com os anteriores, essa vivência *in loco* e dupla dos dois lados) e que, curiosamente, publicou uma pequena novela em português, *No estilo Jalisco*, publicada em 2014 por coincidindo com a ocasião da Copa do Mundo no Brasil. Villalobos também tem feito traduções para o espanhol, entre elas a de *O dribble*, de Sérgio Rodrigues, romance que compartilha o interesse por indagar a respeito das culturas latino–americanas a partir das metáforas do jogo e de uma poética do fracasso (assim como a obra de Juan Villoro traduzida ao português também em 2014, *El estadio de los deseos*).

6. *Poéticas próximas ou comuns*. O tema do fracasso e da perspectiva do fracasso numa realidade literária periférica como a latino–americana já poderia ser motivo de outros vários trabalhos como o presente, sendo passível de ser imaginado em diversas

perspectivas. Tratar de tudo que poderia aproximar os dois sistemas literários em questão surge como uma proposta arriscada, mas que tem a peculiar vantagem de não apagar o que há de comum entre obras que seriam tratadas assepticamente por um método corrente de contrastes. Recorrer às tramas ligeiras traçadas por autores tradutores, ou mesmo por editores que são críticos e criadores ao mesmo tempo, favorece a ideia de que nem tudo é igual, mesmo na diferença. Uma saída paradoxal, mas que é acolhida na percepção de repertórios breves que são *abertos*, e que remetem a certa *qualidade* e a uma *relação* determinante.

Não é mera coincidência que, depois dos projetos totalizantes das Vanguardas, a literatura de criação da América Latina passe a revisar sua própria tradição de ruptura (para lembrar aqui do termo de Paz) e que se estabeleça nos dias que correm um tipo de dinâmica que tende a pensar o fenômeno literário tal como o projetava Valery (ou Borges): uma história que se estabelece por correntes, por obras e por agentes que apontam em uma dada direção, a um sentido comum (se nos permitem dizer os entusiastas do transcendentalismo negativista). Por trás de iniciativas aparentemente isoladas, determinados agentes literários vão se configurando como *escritores que lêem* (como na figura do tradutor, do crítico ou editor, mas também na do criador que revê a tradição), e também como *leitores que escrevem*.

A figura desse escritor que lê, mas também a de um leitor que escreve, é fundamental para buscar poéticas convergentes, inclusive em obras aparentemente tão desconexas, e aqui a referência poderia ser praticamente toda (ou algo menos que quase toda) literatura contemporânea produzida no México e no Brasil a partir da segunda metade do século XX, com o subsequente processo de intensificação das relações de mercado no presente século, algo que pode ser constatado facilmente pela quantidade de traduções e empresas comuns tanto no Hemisfério Norte como, de maneira mais tímida, no Sul. Para evocar uma leitura já presente, e que, em certa medida, esse trabalho pretende se vincular, valem ser recordadas as observações de Rodríguez Monegal (1976) ao estabelecer um diálogo entre poetas–críticos tão díspares como Paz e Borges no seu *Borges: hacia una poética de la lectura*. Leitura que mencionava também poéticas tão díspares quanto as de Cândido e Haroldo de Campos, e que se pretende sugerir aqui que podem se estendidas para além desses nomes por tantos outros que aparecem depois.

Como exemplo dessas relações assimétricas, e que poderiam se ver presentes na bibliografia selecionada que acompanha o presente artigo, vale a pena levar em consideração duas aproximações parecidas (e nem por isso totalmente iguais, nem diferentes) a respeito da ideia de uma tradição literária nacional que se esvai com o passar do momento de auge das Vanguardas e, que nem por isso, desaparece totalmente como programa (mesmo sem sua negação). Entre as aproximações de Rodolfo Mata e Francisco

Alvim à poesia e às literaturas mexicanas e brasileiras, há mais do que uma coincidência no seu peculiar ceticismo quanto aos caminhos do literário no século XXI.

Em um poema publicado em meio virtual, Mata apresenta sua perplexidade. Cito todo o poema *Cánones caninos*:

Cuando murió Paz
le preguntaron a Pacheco
quién ocuparía su lugar
y respondió que nadie

Hoy por hoy
Vallejo es un zombie
Huidobro es un zombie
Neruda es un zombie
Paz está infectado

Lo bueno es que están llegando
los cazafantasmas
los exorcistas
con sus eméticos, sus estacas
sus balas de plata
y neutralizadores
sus frascos turbios
de ectoplasmas
sus ajos cargados
de futuridad

Qué había detrás
nunca se supo
una conspiración
ni idea tengo
un alto rating
escandaloso
o una noticia
muy pertinaz
¿Alguien da más?

Nadie
es el nuevo paradigma

Nunca
 la utopía
La quintaesencia
 el nihilismo
El perromundo
 otro ismo

(MATA, 2016).

Mata toca no tema do futuro que é também passado. Sua disposição do tempo também chama a atenção para certo deslocamento da tradição, do seu tempo. No poema *A poesia*, que empresta o título ao livro *O metro nenhum* (2011), Alvim sugere um passado que também é futuro ou, talvez, um destino inusitado dada a própria natureza da literatura.

Ou também um destino incerto como os dos pós-ismos na América Latina:

Houve um tempo
em que Schmidt e Vinicius
dividiam as preferências
como maior poeta do Brasil
Quando por unanimidade ou quase
nesse jogo tolo de se querer medir tudo
Drummond foi o escolhido
ele comentou
alguém já me mediu
com fita métrica
para saber se de fato sou
o maior poeta?

Estava certo
Pois a poesia
quando ocorre
tem mesmo a perfeição
do metro –
nem o mais
nem o menos
– só que de um metro nenhum
um metro ninguém
um metro de nada

(ALVIM, 2011, p. 53).

Este percurso e seu vaivém ficam por aqui, com a imagem dessa medição (e mediação) impessoal e inacabável que coloca em diálogo duas tradições literárias tão aparentemente distantes, mas também tão próximas, pelo menos nessas duas perspectivas que terminamos aqui colocando em contato. Mata, tradutor de Alvim em sua antologia da poesia brasileira contemporânea, poderia estar fazendo eco em seu poema do despojamento ante a ideia solene de uma literatura que retira dela mesma a capacidade de dizer o que pretende, que explica o nacional ou os processos de circulação e valoração da poesia a partir de algo que não seja ela mesma. Fica a análise desta conjectura para ocasião mais propícia e para a seqüência destas notas de trabalho, que terminam aqui com a apresentação da seleção de textos anunciadas anteriormente.

Referências

- ABRAMO, Paula. *Fiat Lux*. México: Editorial Tierra Adentro, 2012. Disponible en: <https://poesiamexa.files.wordpress.com/2016/03/fiat-lux.pdf>. Consultado el 29/05/2018.
- AGUILAR, Luis (Org.). _____. *¿Qué será de ti? Como vaivocê? Poesía joven de Brasil*. San Pedro García García, Vaso Roto, 2015. Ed. bilíngüe.
- ALVIM, Francisco. *O metro nenhum*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- BANDEIRA, Manuel. *Poesía completa (1917–1960)*. México: Callygramma, 2017. Trad. y prólogo de Miguel Ángel Flores.
- BUENO, Wilson. *Mar paraguayo*. Toluca: Bonobos/FONCA, 2006. Ed. Trilingüe.
- CERVANTES, Francisco. *Travesías brasileño–lusitanas*. Querétaro: Calygramma/FEQ, 2015.
- COSTA, Horácio. *Mar abierto. Ensayos sobre literatura brasileña, portuguesa e hispanoamericana*. México: UNAM/FCE, 1998.
- DIAS SAMPAIO, Cláudia. “Observações sobre a tradução e a recepção da poesia do Brasil no México”. *eLyra*, n.9 (2017), pp. 177–198.
- EVEN–ZOHAR, Itamar. *Polisistemas de cultura (un libro electrónico provisorio)*. Tel Aviv: Universidade de Tel Aviv, 2017. Disponível em: http://www.tau.ac.il/~itamarez/works/papers/trabajos/polisistemas_de_cultura2007.pdf. Acessado em 27/03/2019.
- FREIRE, Marcelino. *Cuentos negreros*. México: Librosampleados, 2016. Trad. Armando Escobar Gómez.
- GENETTE, Gerard. *Palimpsestes: La litterature au second degre*. Paris: Editions Du Seuil, 1982.
- GUIMARÃES ROSA, João Guimarães. *Campo general y otros relatos*. México, FCE, 2001. Trad. Valquiria Wey.
- IVO, Lêdo. *Poesía en general. Antología 1940–2004*. México/Monterrey, Alforja Arte y Literatura/Universidad Autónoma de Nuevo León, 2008. Org. Rodolfo Alonso.
- JAUSS, Hans Robert. *Pour une esthétique de la réception*. Paris: Editions Gallimard, 1978. Trad. Claude Maillard.

LEMOS, Maria Alzira Brum. *A ordem secreta de los ornitorrincos*. São Paulo, Amauta, 2008.

LEITE, Sebastião Uchoa. *Antilogia. 1960–2002*. Trad. Rodolfo Mata.

LUISELLI, Valeria. “Pinche Lilliput”. *El País*, 3 de julho de 2016. En: http://elpais.com/elpais/2016/07/02/opinion/1467482678_599742.html. Consultado el 24/03/2017.

MATA, Rodolfo. “Cánones caninos”. Em: *RevistaLaOtra*, 28 de dezembro de 2016. Disponível em: <http://www.laotrarevista.com/2016/12/rodolfo-mata-poemas/>. Acesso em 27/03/2019.

MILÁN, Eduardo. *Estación da Fábula: poemas de Eduardo Milán*. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 2002. Trad. Claudio Daniel. Edição bilingüe.

MONEGAL, Emir Rodríguez. *Borges, hacia una lectura poética*. Madrid: Guadarrama, 1976.

MONTERROSO, Augusto. *A ovelha negra e outras fábulas*. São Paulo: Cosac y Naify, 2014. Trad. Millôr Fernandes.

MOREIRA, Paulo. *Literary and Cultural Relations Between Brazil and Mexico: Deep Undercurrents*. New York: Palgrave Macmillan US, 2013.

NEPOMUCENO, Eric. *Las tres estaciones*. Oaxaca: Almadía, 2018. Trad. Paula Abramo.

NETTEL, Guadalupe. *O corpo em que nasci*. Rio de Janeiro: Rocco, 2014. Trad. Ronaldo Bressane. Col. Outra língua.

PAZ, Octavio.; CAMPOS, Haroldo de. *Transblanco*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

PITOL, Sérgio. *Vida conjugal*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. Trad. Bernardo Ajzenberg.

REIS, Livia (Org.). *Uma suíte carioca. Alfonso Reyes e o Brasil*. Rio de Janeiro, 7 Letras, 2013. Org. Livia Reis.

RULFO, Juan. *Pedro Páramo e Chão em Chamas*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2004. Trad. Eric Nepomuceno.

RODRIGUES, Sérgio. *O dribble*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

SANTIAGO, Silviano. *As Raízes e o labirinto da América Latina*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

SORÁ, Gustavo. *Traducir el Brasil. Una antropología de la circulación internacional de ideas*. Buenos Aires: Libros del Zorzal, 2003.

VILLALOBOS, Juan Pablo. *No estilo de Jalisco*. Santos/São Paulo, Realejo/Bateia, 2014.

VILLORO, Juan. *O estádio dos desejos*. São Paulo: Terceiro Nome, 2014. Trad. Eric Nepomuceno.

VVAA. *Versiones acústicas. Muestra de poesía mexicana/Versões acústicas. Mostra de poesia mexicana*. Jalisco: Mantis editora, 2014. Trad. Paulo Ferraz. Sel. y prol. Luis Alberto Arellano.